



CARTAS TOPONÍMICAS: ATO DE PRODUÇÃO ATO DE PERPETUAÇÃO (TOPONYMICAL MAPS: PRODUCTION ACT, PERPETUATION ACT)

Leodmar Romam de OLIVEIRA (PG – UEL)

ABSTRACT: *This paper is turned toward the works developed in the area of Toponymy, specifically the process of production of a toponymic map. We approach in ncommented way, the initial phass it survey process, analysis and mapping, arresting it self it this last one with bigger emphasis.*

KEYWORDS: *Toponymy, Parana, Toponymycal Map, Mapping*

0. Introdução

Este trabalho direciona-se especificamente para o ato de produção de cartas toponímicas; pretendemos mostrar como uma delas pode ser apresentada e discutir os elementos que a compõem e sua diagramação, os quais, devem obedecer certos preceitos de modo a torná-la clara, objetiva e, acima de tudo, portadora de significação.

O resultado final deste estudo insere-se nas atividades desenvolvidas pelo projeto Pelos Caminhos do Paraná: Esboço de um Atlas Toponímico – ATEPAR, desenvolvido por docentes e alunos do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina

1. Definição da Carta Toponímica

Para a realização de um Atlas Toponímico, considera-se *carta* do ponto de vista de Oliveira (1988, p.31) que a define como um material através do qual a comunicação manifesta-se. Para tanto, os mapas e cartas possuem fins gerais, geralmente associados, no conhecimento comum, simplesmente aos mapas geográficos, mas também os mapas especiais têm o seu lugar e dirigem-se a uma clientela específica, uma vez que são produzidos *para grupos de usuários muito distintos entre si, e, na realidade, cada mapa especial é concebido para servir uma determinada faixa técnica ou científica* (1988, p. 33).

Seguindo esta linha de pensamento, a carta toponímica vem a ser um tipo de mapa detentor das informações, apontadas pelos estudos realizados nos diversos topônimos, relativos a uma determinada região. Essa carta porta, então, os dados relativos às conclusões chegadas depois dos trabalhos de coleta de informação, análise e classificação taxionômica (esta última etapa toma por base os trabalhos desenvolvidos por Dick, 1990).

A produção das cartas toponímicas segue o mesmo padrão do ato de produção das cartas geolingüísticas, ou seja, em um mapa representa-se determinada região e neste inserem-se os dados considerados relevantes. A saber, os nomes do lugar que foram obtidos através da coleta de dados, bem como sua classificação



Para efetiva ilustração, estamos concebendo a carta toponímica como uma representação bidimensional de uma região, contendo as informações relativas aos estudos toponímicos, especificamente da região Norte Pioneira do Estado do Paraná. Na carta toponímica, encontramos, por exemplo, os nomes dos municípios (ou dos acidentes físicos) e ainda a classificação taxionômica adotada (Dick, 1990).

2. Do processo de coleta à carta final: elementos indispensáveis.

Inicialmente há o levantamento dos *nomes do lugar*, através da pesquisa de campo ou solicitações junto às Prefeituras. Em seguida, a análise e a classificação dos topônimos. Nesta fase da classificação, considerada a mais trabalhosa e a que necessita de especial atenção, as dúvidas são o maior entrave para o desenvolvimento do trabalho. Alguns nomes parecem não ter nenhuma relação com quaisquer teorias e/ou línguas que aparentam ser originalmente (seja por construção lexical ou por associação fonológica à determinados padrões lingüísticos) e a busca de sua possível raiz significativa faz com que os trabalhos detenham-se. Podemos citar como exemplo o caso das ocorrências *Culas* e *Manduca* para aspectos humanos (bairros rurais) apresentados na cidade de Curiúva. As palavras, por si só, não apresentam características suficientes para poder-se tentar uma hipótese sobre sua origem e tentar, desta maneira, uma verificação para poder classificá-la.

Na carta toponímica, os elementos considerados essenciais para sua efetiva produção podem ser restringidos ao número de cinco. São eles: título da carta, região analisada, escala geográfica, rosa-dos-ventos (ou um outro indicador) e a escala de classificação.

a) Título da Carta: refere-se à taxionomia adotada (Antropotônimo, Fitotopônimos, Hagiopônimos, entre outros);

b) Região Analisada: nomeação da região que está sendo analisada. Neste item, consideramos válida também a inserção de elementos mais específicos (como a indicação de Meso e Microrregião);

c) Escala Geográfica: utilizada para que a pessoa que esteja lendo/ou analisando a carta possa ter uma dimensão da área mapeada.

d) Rosa-dos-Ventos: vem para situar o leitor caso ele queira encontrar-se geograficamente frente a carta;

e) Escala de Classificação: refere-se à Legenda utilizada para preencher as regiões de acordo com a ocorrência do elemento analisado.

Estes elementos tornam-se necessários para que se possa ter uma completude das informações presentes na carta toponímica.

3. Carta Toponímica: produto final

Tendo a carta à mão, é possível perceber estes elementos de maneira conjunta, convergindo para sua finalidade: o registro, a informatividade dos estudos e a perpetuação do trabalho concluído que possibilitará a retomada dos dados analisados a qualquer momento que se faça necessário.

A diagramação da carta, por sua vez, deve atender a alguns critérios:



- clareza¹: a legenda, por exemplo, deve ter cores que contrastem entre si ou elementos gráficos que não deixem espaço para possíveis dúvidas. Tons muito próximos, por exemplo, tornam a carta de difícil leitura, podendo até confundir o leitor/analista da carta, levando-o a errôneas conclusões;

- disposição: o mapa deve estar centralizado e com a legenda posicionada próxima do mapa, facilitando a leitura.

- estilos de escrita: para as partes onde utiliza-se letras (escala geográfica, nomes diversos, entre outros) é de fundamental importância que o tamanho da fonte utilizada seja compatível com o espaço total da carta, mas não podemos esquecer que excessos podem prejudicar o todo e letras desenhadas e/ou com traços muito rebuscados também dificultam a interpretação dos dados.

4. Conclusão

O processo de cartografia parece ser de uma relativa simplicidade no ato de confecção, considerando o momento da pesquisa: o levantamento, a análise e classificação taxionômica. De posse dos elementos já classificados, a transposição para o papel é quase automática, respeitando os critérios mencionados de acordo com as ocorrências (para um número X de ocorrência há um número Y equivalente na legenda).

A cartografia vem, neste ponto do trabalho, unir a teoria taxionômica à região em si: a classificação fica aparente e de compreensão imediata.

RESUMO: Este trabalho volta-se para os trabalhos desenvolvidos na área de Toponímia, especificamente o processo de produção de uma carta toponímica. Abordamos, de maneira comentada, as fases iniciais do processo de levantamento, análise e cartografia, prendendo-se a este último com maior ênfase.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia, Paraná, Carta Toponímica, Cartografia.

¹ Os anexos deste trabalho apresentam-se em tons de preto e cinza devido o custo que seria exigido para a produção dos anais com mapas coloridos. As informações contidas nos mesmos são fictícias, ou seja, não retratam a realidade em estudo.

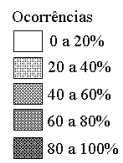
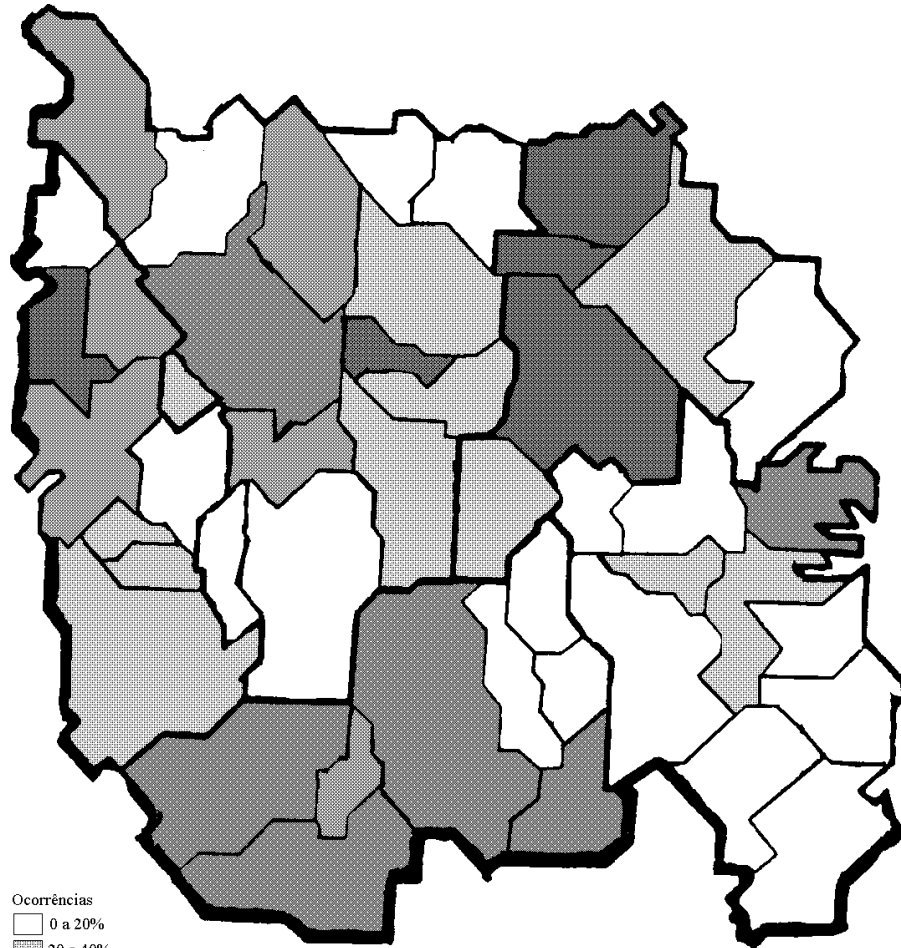


Esboço de um Atlas Toponímico

Carta: Antropontopônimo

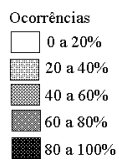
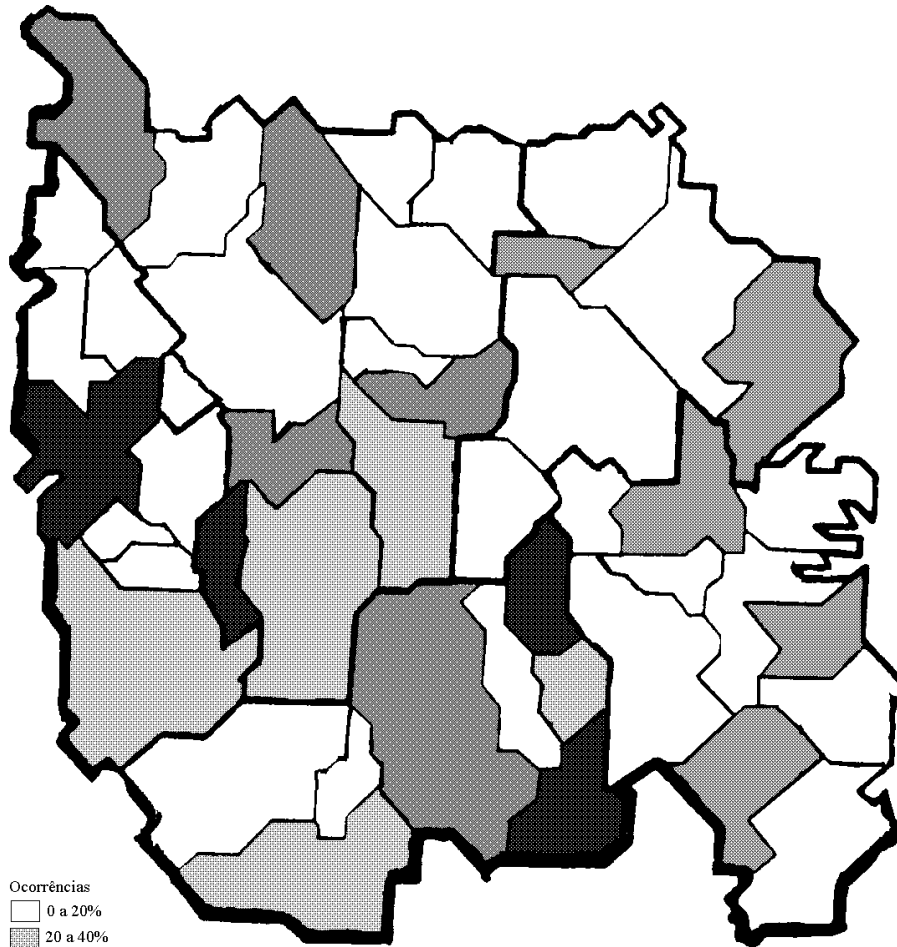
Microregião: Assaí, Cornélio Procópio, Jacarezinho, Ibaiti, Wenceslau Braz

Mesorregião: Norte Pioneiro





Esboço de um Atlas Toponímico
Carta: Hagiotopônimo
Microregião: Assaí, Cornélio Procópio, Jacarezinho, Ibaiti, Wenceslau Braz
Mesorregião: Norte Pioneiro



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Cêurio. *Curso de Cartografia Moderna*. Rio de Janeiro : IBGE, 1988.
DICK, Maria do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo :
Arquivo do Estado, 1990.